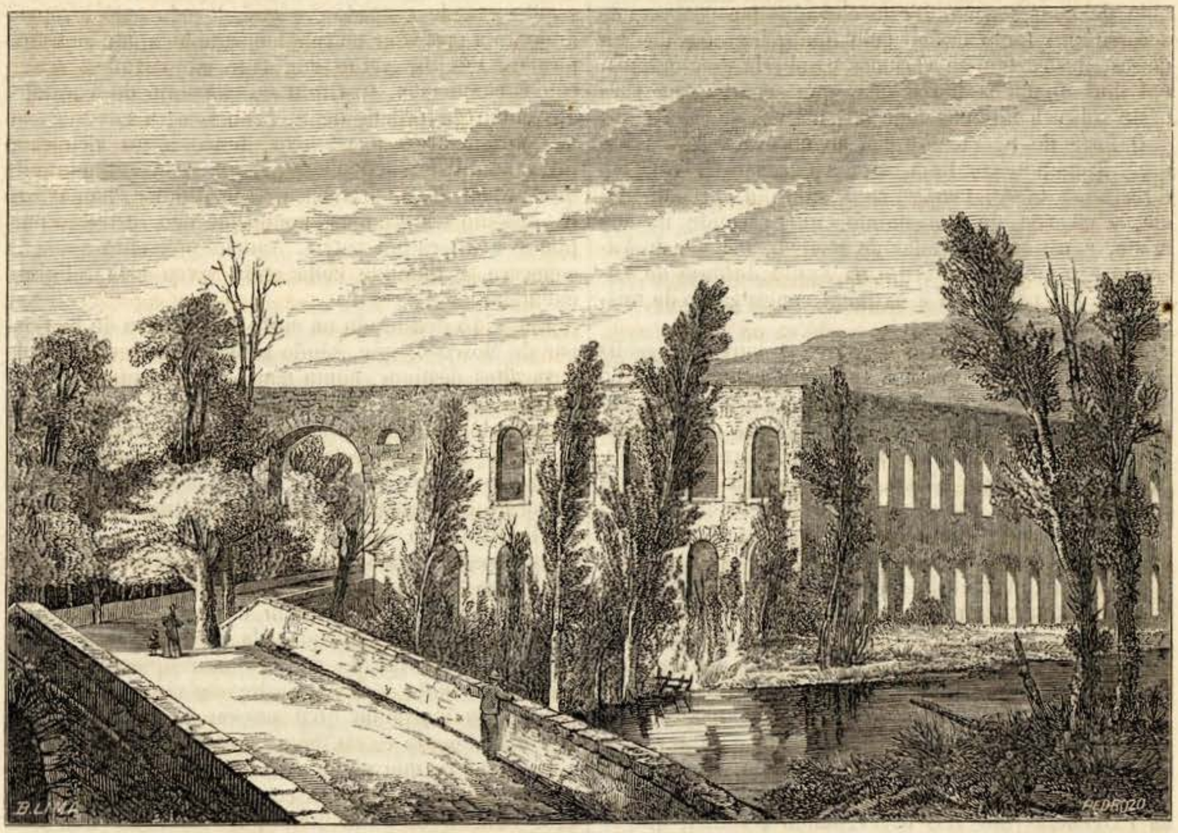


Aqueducto de Torres Vedras

VILLA DE TORRES VEDRAS

(Vid. pag. 372)

III

Os arrabaldes de Torres Vedras são bellos para a vista, pela amenidade de alguns sitios e pelos contrastes pittorescos de outros. Tambem são interessantes para o estudo por comprehenderem logares e edificios historicos, um grandioso e importante estabelecimento de caridade, e nascentes sulphureas de grande proficuidade em certas molestias.

As cercanias da villa são inteiramente planas, como já dissemos, e tão bem cultivadas que as differentes estradas que n'ella correm por entre vinhas e prados, são mui agradaveis passeios. O rio Syzandro, que aformoseia e fertilisa estes campos, nasce junto ao logar da Sapataria, que fica a uns 20 kilometros de distancia de Torres Vedras, pouco mais ou menos. Tira o rio o seu nome da fonte onde tem o berço. Depois de regar extensos valles de terrenos feracissimos, e de fazer trabalhar quantidade de azenhas, vae lançar-se no Oceano, pouco distante da *Assenta,* pequena povoação sentada n'uma planicie, que está coroando altas e escarpadas rochas batidas das ondas. É o Syzandro tão pobre na maior força do verão, que chega a perder a corrente, ficando reduzido a varios pégos de longe em longe, mas tão profundos, que conservam a agua até que o inverno lhe volva a corrente, sem que o sol a corrompa por mais que aperte o calor. Por esta razão ha sempre muito peixe n'estes pégos. No inverno, porém, é tão caudaloso, recebe tal quantidade de agua dos montes visinhos, que chega a fazer cheias desastrosas.

Em torno da villa de Torres Vedras é cortado o Syzandro por tres pontes de pedra: a de *S. Miguel,* que dá communicação para os logares da parte de oéste, costa e portos do Oceano; a da *Mentira,* por onde se vae para os logares do lado do norte, e para a villa de Obidos; e a de *Rei,* que dá passagem á bella estrada macadamisada, que, atravessando o aqueducto por baixo do arco principal, conduz aos logares de Runa, Dois Portos e Ribaldeira, e ás villas do Sobral de Monte Agraço, Arruda e Alhandra.

O aqueducto, que fornece de agua a villa, foi começado no anno de 1657. Tem perto de dois kilometros de comprimento. Em metade d'esta extensão corre subterraneo, e na outra metade sobre uma arcaria composta ora de duas ordens de arcos, ora de uma só ordem, da qual os dois mais altos, que são contiguos, atravessam o rio Syzandro e a estrada que segue para Runa, e de que acima fallámos. A nossa gravura, copiada de um desenho original, mostra esta parte do aqueducto e a *ponte de Rei.*

Sobre o mais alto monte da cordilheira que cerca o valle campeia o forte de S. Vicente, pertencente ás linhas de Torres Vedras. Principiavam estas celebradas linhas junto do Tejo, e sobranceiras á villa de Alhandra. Seguiam d'aqui, cortando sempre por cima de montes, até á villa de Arruda. D'esta continuavam até á do Sobral de Monte Agraço, d'ahi ao forte de S. Vicente, e d'este dirigiam-se á costa do Oceano. Em toda esta distancia havia setenta e tres reductos, cuja artilheria cruzava os fogos. Os fortes de S. Vicente e do Sobral eram os principaes de toda a linha. O primeiro d'estes consta de tres reductos, com sessenta e cinco canhoneiras, e tendo capacidade para accommodar quatro mil homens. A sua excellente construcção

fez com que resistisse com pouca ruina á acção destruidora do tempo durante esse longo periodo de completo abandono. Em consequencia dos reparos que se lhe fizeram, ha poucos annos, acha-se em soffrivel estado de conservação. D'esta elevadissima posição, de accesso um tanto difficil pelo muito ingreme das ladeiras, desfructam-se variados e soberbos panoramas, em mui dilatados horisontes, que se estendem para oéste sobre a immensidade dos mares.

O forte de S. Vicente fica ao norte de Torres Vedras. Tomando por uma estrada que sae da villa em direcção a oéste, começa-se a subir, a curta distancia, a encosta de um monte, que esconde na sua crista, entre as quebradas do terreno, o logar do Varatojo e o celebre *convento de Santo Antonio do Varatojo*, que pertenceu á extincta congregação de missionarios apostolicos.

A povoação é pequena e pobre. O convento condiz com a aldeia contigua na singeleza e humildade do edificio, mas gozou outr'ora de muita celebridade pelos varões que d'alli saíram, dotados de uncção verdadeiramente apostolica, para levar a luz do evangelho aos sertões da Africa, da Asia e da America. A essa celebridade, que passou, reuniam-se algumas memorias historicas que ainda o fazem interessante aos olhos do viajante curioso.

O terceiro quartel do seculo XV viu realisar-se um triste e sanguinolento drama, que principiou em Castella, pela acclamação da rainha D. Joanna, filha unica e herdeira del-rei D. Henrique IV, e de sua mulher, a rainha D. Joanna de Portugal, filha do nosso rei D. Duarte; e que, depois de porfiosos combates, veiu acabar em Portugal pelo encerramento da dita rainha D. Joanna, herdeira da coroa de Castella, no convento das Donas de Santarem, onde a obrigaram a entrar as exigencias dos reis D. Fernando e Isabel, que se lhe apoderaram do throno. E el-rei D. Affonso V, seu tio, que em vão a desposou para sustentar com as armas os seus direitos; que debalde se empenhára em uma guerra desastrosa para Portugal; vendo inutil o seu esforço, recusado pelo rei de França o auxilio que lhe fôra pedir, rotos pelo papa os laços conjugaes que o uniam a sua sobrinha; e esta desditosa princeza, perseguida até no proprio asylo onde se refugiára, constrangida a trocar as pompas da realeza pela austeridade de um convento, a coroa por um véo monastico, e o proprio titulo de rainha pelo modesto epitheto de *excellente senhora;* D. Affonso V, assim ferido na sua ambição de rei, nos seus brios de cavalleiro, no seu pundonor de portuguez e nas suas affeições de esposo, resolveu renunciar a todas as grandezas do mundo, e ir occultar as suas magoas e desenganos entre as solidões e penitencias do pobre conventosinho do Varatojo, que fundára havia pouco em uma quinta que ahi possuia.

Tão facil em ceder ás paixões como em mudar de accordo, não teve D. Affonso V bastante energia de alma para se despojar da purpura real e vestir o grosseiro habito de burel. Porém, luctando até á morte com este pensamento, aprazia-se em visitar a miudo essa mansão de penitencia, erigida no meio das asperezas de montes ermos e agrestes.

Passados poucos annos depois d'estes successos, e fallecido já D. Affonso V, o convento do Varatojo abria novamente a sua portaria para dar gasalhado e consolação a dois soberanos que o demandavam arrastados pela dor e pela saudade. Eram el-rei D. João II, que a posteridade honrou com o epitheto de *Principe Perfeito*, e sua esposa, a rainha D. Leonor, que acabando de perder o seu unico filho, o principe D. Affonso, morto tragicamente na flor dos annos [1], iam encerrar-se por alguns dias n'aquelle austero cenobio para dar livre desafogo ás suas lagrimas, e buscar conforto para o espirito entre a oração e o jejum.

Correndo o anno de 1680, um homem, que fôra no seculo grande peccador, e que, levado pelo arrependimento a professar na religião seraphica, ahi se transformára em um varão eminente em virtudes, erudição e eloquencia, instituiu no convento do Varatojo, até então da ordem de S. Francisco, a congregação dos missionarios apostolicos, tendo antes alcançado bulla pontificia, beneplacito regio e consentimento da dita ordem de S. Francisco. O instituidor chamava-se fr. Antonio das Chagas, nome que deu lustre ao pulpito e á litteratura patria. Aquelle convento ainda lá conserva a humilde cella onde viveu este religioso exemplar.

Em 1715 deu brado na corte a resolução de D. Gaspar de Moscoso, que, sendo gentil e parecendo fadado para altos destinos, como irmão do marquez de Gouveia, e ainda mais como valido del-rei D. João V, desprendendo-se de todas as vaidades do mundo, foi encerrar-se em uma estreita cella do Varatojo, onde mudou o illustre appellido da sua familia no humilde nome de fr. Gaspar da Encarnação. Duas vezes foi el-rei D. João V ao Varatojo durante o anno do noviciado de proposito para visitar o amigo que lhe fugira; e em junho do anno seguinte alli voltou para lhe honrar o acto da profissão com a sua real presença, e com o apparato e esplendor da corte.

Depois da extincção das ordens religiosas foi vendido o convento com a sua cêrca ao visconde de Moncorvo, por morte do qual passou a novo possuidor, que actualmente é, ou figura ser, um egresso do mesmo convento, que n'elle vive em companhia de mais outros padres, que foram religiosos da dita congregação. Cuidam do culto divino, e conservam com bastante aceio a egreja, que é pequena e de fabrica singela, mas que possue, todavia, alguns bons quadros antigos. No angulo externo do côro ainda existe uma janella, d'onde el-rei D. Affonso V, conforme refere a tradição, costumava fallar e dar audiencia ao povo durante a sua residencia no convento.

É notavel a cêrca por uma espessa e formosa matta, pelos pomares de limas, mui celebradas por sua excellente qualidade, e outr'ora ainda era mais conhecida e afamada por um sobreiro secular, que passava por uma das mais annosas e corpulentas arvores da provincia da Estremadura, e que memorava uma lenda milagrosa. Apparecêra em tempos remotos n'este sobreiro uma imagem da Virgem, que, principiando logo a resplandecer com a fama dos milagres, attrahia continuamente numerosos devotos, um dos quaes lhe edificou capella propria defronte da egreja do convento. Mas em quanto esta fundação se não realisou, construiram em uma grande cavidade, que havia no tronco principal do sobreiro, um altar de pedra e cal, onde se festejava a imagem com o titulo que o povo lhe deu de *Nossa Senhora do Sobreiro*. Depois de collocada a santa imagem na sua capella, todos os annos se solemnisava o anniversario da sua apparição com muitas festas e regozijos populares, sendo levada a Senhora em procissão para o sobreiro, que para esse dia era ornado com magnificencia, e no seu altar se cantava missa com muita solemnidade e pompa, ficando a cêrca transformada em vistoso arrayal, a que concorria gente de muitas legoas em derredor. No anno de 1836, em que vimos pela primeira vez este sobreiro, já então tinha perdido um de seus braços por effeito de um raio, se bem nos recordâmos; mas, ainda assim, era uma arvore magestosa. Porém posteriormente sobreveiu uma tempestade, que fendeu e prostrou o gigante d'aquella antiga matta. Hoje resta apenas parte do tronco, que se conserva como memoria da lenda religiosa, e d'este monumento do reino vegetal.

1 Falleceu de uma quéda do cavallo em que passeiava nas praias do Tejo, junto a Santarem, no dia 13 de julho de 1491, contando 16 annos de edade, e quasi 8 mezes de casado com a princeza D. Isabel, filha dos reis de Hespanha Fernando e Isabel.

O Varatojo dista de Torres Vedras obra de kilometro e meio. Em distancia de pouco mais de dois kilometros da mesma villa, mas para o lado do sul, acha-se o logar do Barro, e junto d'elle o *convento de Nossa Senhora dos Anjos*, que foi dos frades arrabidos, e é mais conhecido pelo nome vulgar de *convento do Barro*. Fundou-o pelos annos de 1570 a infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel e da rainha D. Leonor de Austria. Construido segundo o gosto moderno de architectura, mas sem graça nem belleza, quer na egreja, quer no edificio do convento, sómente attrahe a attenção pela frondosa matta e pela sua situação pittoresca, junto a collinas arborisadas, d'onde se descobre muita extensão da estrada que conduz de Torres Vedras para Lisboa. O edificio do convento é propriedade particular. Acham-se estabelecidos n'elle alguns padres estrangeiros, que dirigem um collegio ou aulas populares. No templo fazem-se os officios divinos.

Devemos ainda fazer menção de outro conventinho, embora esteja distante da villa uns sete kilometros, sobre a costa do Oceano. É o antiquissimo *convento de Pena Firme*, cujo templo é consagrado a *Nossa Senhora da Assumpção*. Foi habitado pelos religiosos agostinhos calçados, e, conforme reza a chronica d'esta ordem, a primeira fundação d'este convento foi feita no anno de 850 pelo eremita allemão Santo Ancirado, e a primeira reedificação foi obra de S. Guilherme, duque de Aquitania, quando viera em peregrinação a S. Thiago de Galliza, habitando n'elle por algum tempo depois de concluido. Porém da fundação ou reconstrucção de que ha noticias ou documentos é a do anno de 1226. É edificio pequeno. Está sobranceiro ao mar, e tem contigua uma cêrca com bom arvoredo silvestre. Foi comprado este convento pelo vice-almirante George Sertorius, que foi creado conde de Pena Firme.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Vid. pag. 382)

Entre aquelles seductores phantasmas que lhe tinham feito abandonar o valle nativo, figurava o sacerdote anglicano tão bello como nos livros de Goldsmith e Scott. Pedro entrou no templo, julgando encontrar ante os seus altares o delicioso transumpto do vigario de Wakefield.

A fórma do templo encheu de frio e desconsolação a sua alma. Quão formosa, quão suave e quão santa lhe parecia então a egreja da sua aldeia! Procurou inutilmente no templo inglez as bellas imagens que nas egrejas catholicas parecem ter voz, olhar e sorriso para consolar o crente.

E a este respeito evocará o auctor d'este conto uma recordação da sua meninice.

No altar-mór da egreja da minha aldeia venera-se uma imagem da Virgem, que tem o Menino Jesus nos braços.

Disse-me um dia minha mãe, vendo-me tratar com falta de caridade um pobre que chegára pedindo esmola á porta de nossa casa:

— Meu filho, sabe que o menino Jesus sorri aos que dão esmola aos pobres, e não quer sorrir aos que lh'a negam.

Chegou um pobre á nossa porta no dia seguinte, e dei-lhe um pedaço de pão que minha mãe me acabára de dar. Fui á egreja, e figurou-se-me que o Menino Jesus me sorria com infinito amor.

Poucos dias depois pediu-me esmola outro pobre, e neguei-lh'a, esquecendo a advertencia de minha mãe. Soube-o logo esta, e mandou-me que fosse á egreja e visse se o Menino Jesus me sorria. Obedeci-lhe, e vi que o Menino Jesus não me sorria!

Desde então sempre tirei o pão da boca para dal-o aos pobres, e acompanhava-me sempre a maior alegria quando praticava algum acto de caridade.

Pedro vira inteiramente desvanecidas as suas illusões, a respeito dos templos anglicanos, de cuja magestade tinha a mais alta idéa; mas conservava integras as esperanças que os poetas e novellistas inglezes lhe fizeram conceber a respeito dos ministros d'aquella religião. E n'isto mesmo foi illudido.

Então voltou immediatamente para Londres, e não quiz sair da hospedaria senão quando lhe disseram que era mister embarcar. A Gran-Bretanha acabára de aniquilar as phantasias que a sua imaginação formára na Europa.

— Amaldiçoada sejas, Europa! — exclamou com immensa desesperação; mas de repente appareceu-lhe nos labios um encantador sorriso, e brilhou-lhe nos olhos um raio de esperança.

— Não, não, apressou-se em accrescentar, não quero amaldiçoar-te, Europa; pois além, do outro lado dos montes Pyrenéos, vejo, cada vez mais distinctamente, um torrão do mundo que reclama as minhas bençãos. Quanto mais me afasto, melhor vejo aquelle torrão e mais formoso me parece. Nescio de mim, Europa: ouvia todos os dias proclamar a tua decrepitude e a tua degradação, e não acreditava n'ellas! Oh! virgem America, terra abençoada da liberdade, abre-me os teus braços, que vou ahi retemperar o coração e dilatar a intelligencia.

Pedro encontrou-se, em fim, nas soledades do Atlantico.

X

O nosso viajante não teve o gosto de admirar a magestade dos mares durante a travessia de Inglaterra para os Estados Unidos, porque uma espessissima nevoa o impediu constantemente.

Ao desembarcar em Nova-York, como que estava em um paiz regido por instituições patriarchaes, não tomou aquellas precauções de segurança que tomára ao entrar nas capitaes da Europa, e eis que, sem saber como, lhe roubaram um bom relogio que tinha comprado em Londres.

Averiguou quem era o ladrão, e citou-o perante a auctoridade. O ladrão apressou-se em offerecer o relogio ao magistrado, ficando com a cadeia, que era tambem joia de valor, e o magistrado condemnou Pedro no pagamento das custas, e a indemnisar o ladrão com uma somma importante, por effeito das perdas que moral e materialmente lhe causára com a sua calumniosa accusação.

Se o alcaide de S... ouvisse o que Pedro por este incidente disse d'elle, rebentaria de orgulho, apesar da sua modestia.

Para afugentar o mau animo, foi Pedro n'aquella noite ao theatro. Ao regressar á hospedaria, accommetteram-n'o uns homens na rua, maltrataram-n'o e roubaram-lhe tudo quanto levava.

Contando este desastre na hospedaria, disse-lhe o dono:

— Quem se lembra, meu senhor, de sair de casa á noite sem um par de rewolvers de seis tiros cada um? Saindo desarmado, é claro que os garrotadores haviam de roubal-o.

— Quem são os garrotadores?

— Os que o agarraram: uns quatro ou cinco mil bandidos que povoam de noite as ruas de Nova-York, e garrotam os que não lhes entregam immediatamente o que trazem comsigo, ou não os afugentam com tiros.

— O que faz a policia? Para que servem as leis protectoras?

— Qual policia, nem quaes leis! As leis repressivas, ou protectoras, que vem a ser a mesma coisa, tem significação nos paizes que gemem sob o jugo do despotismo; mas são letra morta aqui onde a liberdade é tão ampla e tão formosa que protege até o ladrão e o assassino.

— Se essa é a liberdade aqui, exclamou Pedro, maldita seja!

— Pois sim, replicou o dono da hospedaria, queixe-se, meu senhor; porém passe por Boston, Baltimore, Nova-Orleans, ou por qualquer outra cidade da União Americana, e verá o que é bom. O que succede em a nossa cidade é apenas a amostra do que por lá occorre.

Pedro lembrou-se do valle nativo, como sempre lhe succedia quando encontrava uma desillusão na terra estranha; lembrou-se de que na sua aldeia as portas das casas só tem por fechadura a taramela; que os gados pastam sós em longinquos valles; e que alli os bosques, os campos e as vinhas tem por guarda unico o setimo mandamento.

Em quanto lhe preparavam no dia seguinte o almoço, pediu o *New-York-Herald*, o jornal mais afamado e respeitavel da America do Norte, e leu com assombro e indignação as seguintes linhas:

«A nossa situação mercantil é muita lisongeira, se se tem em conta a grave crise que está atravessando o commercio nos dois continentes. Póde, comtudo, affectar-se alguma coisa com esta crise o nosso trafico interno, se os nossos negociantes, deixando-se levar por um pundonor demasiado meticuloso, saldarem os grandes deficits que tem em França e na Inglaterra; mas se considerarem que o seu proprio interesse e a prosperidade nacional os auctorisam a não fazerem caso d'essas obrigações, o commercio dos Estados Unidos não só terá quanto necessita para as transacções internas, senão tambem contará para as eventualidades com um saldo que não descerá de 100 milhões de pesos [1].»

Lendo tão indecorosas linhas, Pedro saiu precipitadamente de Nova York, horrorisado da perversão moral que reinava n'aquella cidade, e começou a percorrer os diversos estados da União Americana.

Durante esta digressão, vieram novos desenganos atribular-lhe a alma e avivar-lhe o desejo de tornar ao valle nativo, para viver e morrer n'elle.

Alli se lhe offereceu aos olhos, no mais repugnante aspecto, a escravatura humana, desconhecida, mercê de Deus, na Europa.

Alli viu a mais ascorosa idolatria, consentida e protegida pelas leis do paiz; leu uma lista de cincoenta e tantos assassinios commettidos em um só dia em uma só povoação; viu a navegação fluvial e os caminhos de ferro tão aperfeiçoados, que as catastrophes em que perdem a vida duzentas ou trezentas pessoas são tão frequentes, que chamam apenas a attenção publica; viu as praças regadas todos os dias com sangue por causa do fanatismo religioso ou politico; e viu que os que aspiravam a representar o povo no sanctuario das leis, annunciavam nas gazetas que compravam os votos a quatro dollars cada um, e os eleitores que os vendiam a cinco.

Alli, em fim, um negociante, que o considerava uma joia para os negocios, e suspeitava que elle tinha um capital soffrivel, lhe propoz com a maior semceremonia o casamento com sua filha, de quinze annos de edade, que estava ainda a educar em um collegio, e que, segundo as proprias palavras do pae, era já capaz de fazer peccar o casto José.

[1] Estas abominaveis linhas, estas excitações ao roubo, appareceram, em 1857, no *New-York-Herald*, e foram transcriptas por alguns periodicos francezes e inglezes, entre elles o *Morning-Post* e a *Patrie*, para vergonha da imprensa dos Estados Unidos, entre cujos orgãos alguns houve que tambem as reproduziram, não para as condemnar, como os jornaes inglezes e francezes, mas para adherirem ás doutrinas alli emittidas.

E tudo isto fez com que Pedro olhasse com horror a republica Anglo-Americana, a qual, longe de lhe parecer uma virgem rica de juventude e vida, pareceu-lhe uma mulher coberta de cãs e rugas, e prostituida antes de sair da adolescencia.

Em Boston embarcou para a America do sul.

(Continua)

CARTAS A UMA SENHORA

POEIRAS COSMICAS

Minha senhora — Reatando o fio da ultima carta que v. exc. teve a bondade de acceitar com o costumado favor, cabe-me dizer alguma coisa das poeiras cosmicas, a fim de terminar com a possivel clareza este assumpto.

Depois dos bolides, aerolithos e estrellas cadentes, que caem ás vezes em grandissima quantidade, como já disse a v. exc., e como a gravura nos está indicando, tratou a sciencia de estudar e analysar as poeiras cosmicas, corpusculos ás vezes infinitesimos, que volitam, arrastados pelas influencias dos outros corpos, nos intermundios.

Estes corpusculos, com serem tão pequenos, não se eximem á sublime lei da attracção, que Newton descobriu por acaso providencial, e da mesma sorte que os corpos mais grados e seus congeneres se precipitam na terra, tanto que se dêem certas circunstancias, que vão relatadas com mais largueza nas precedentes cartas, assim tambem elles alastram a superficie terrestre, a qual assim se enriquece com os despojos de algum mundo, ou com os restos da nebulosa solar.

Classificar e ordenar as poeiras cosmicas de um modo scientifico é obra muito difficil, e acaso impossivel no actual estado dos conhecimentos humanos.

Que quasi todas as poeiras ou corpusculos que caem da atmosphera tem origem cosmica, parece coisa assente depois das ultimas pesquizas sobre este assumpto, porque não só hão sido encontrados aerolithos de consistencia mui fraca, senão que é opinião de alguns sabios que as apparições dos bolides são devidas a corpos de natureza pulverulenta que atravessam o espaço celeste.

Já esta hypothese summamente racional havia sido aventada em 1849 pelo sr. Heiss, na sua obra ácerca das estrellas cadentes periodicas, e o sr. Haidinger, observador belga muito perspicaz e digno de inteiro credito, fundando-se já nas proprias observações, já nas do sr. Schmidt, segue egual parecer.

Os grandes meteoros animados de movimento de rotação, que desapparecem mal chegam ás camadas inferiores, sem darem logar a quédas de aerolithos, podem ser considerados como agglomerações relativamente volumosas de substancias pulverulentas, sendo que, por maior convencimento, deixam ás vezes sulcos luminosos persistentes.

O almirante Krusenstern, na sua viagem em volta da terra, viu o brilho do traço de um bolide durante uma hora, ou mais, sem que sensivelmente se deslocasse.

O mesmo acontece com certas nuvens que seguem de dia os meteoros. O sr. Marsh, descrevendo a que toldou, no dia 15 de novembro de 1859, uma parte da America, disse que deixou uma columna de fogo de mil pés de diametro, cuja base estaria acima da superficie terrestre coisa de oito milhas.

Como explicar estes phenomenos tão singulares, se não admittirmos grandes acervos de materia pulverulenta, que, solicitada por acções mecanicas e certamente mui várias, assim se desloca e toma diversas fórmas, ao sabor das circunstancias?

Póde-se dizer afoito, depois dos trabalhos do emi-

nente chimico allemão, o barão de Reichenbach, que sobre a terra cae constantemente uma chuva tenuissima e invisivel de poeiras cosmicas, as quaes atapetam a superficie terrestre, enriquecendo-a de certos metaes, como o nikel, o ferro e o cobalto.

O sr. de Reichenbach tem analysado muitos terrenos completamente virgens, onde o pé do homem nunca poisou. Subindo aos pincaros mais altos e menos accessiveis, arrecadando a terra e analysando-a, sempre encontrou aquelles metaes, que não podem provir senão de uma chuva cosmica, a qual é, entre todas, a unica causa geral e constante de um phenomeno não menos constante e geral.

Além d'estes trabalhos experimentaes, acredita o sr. de Reichenbach que os cometas são verdadeiros aerolithos, compostos de materia cosmica muito flaccida, reduzida a particulas tenuissimas e muito afastadas entre si.

Os escriptores mais antigos commemoram chuvas de corpusculos cosmicos. Plinio, o naturalista, com ser pouco digno de credito, pelas muitas estranhezas que viu e contou, affirma ter contemplado um incendio no céo, que se desfez em chuva de sangue. Procopio relata-nos uma tormenta seguida da quéda de poeira negra, que toldou os ares, em 472, nas cercanias de Constantinopla.

Não se admire v. exc. d'estes phenomenos, que em tempos não muito remotos, de ignorancia e superstição, lançavam o terror, o espanto e a amargura nos animos timoratos.

Os antigos, por isso que ignoravam muito, e mal descortinavam ainda as leis harmonicas que regem a



Chuva de estrellas cadentes

natureza na sua lida perpetua, acreditavam em potestades superiores, que se *divertiam* em introverter e modificar a ordem natural das coisas, e ameaçavam o mundo com cataclismos horrificos, tanto que os mortaes lhes caíam no desagrado.

É assim que os velhos philosophos estavam naturalmente dispostos não só a considerar o menor phenomeno como indicio de choleras divinas, mas, o que era peior, não curavam de indagar esses phenomenos, antes curvavam a cabeça, e, levados muitas vezes por allucinações pavorosas, exaggeravam e alteravam prodigiosamente o que viam.

Todos esses phenomenos que hoje tem vulgar e facil explicação eram de mui subida importancia para os nossos avós, que, sobre pretenderem ler nos astros o seu destino, julgavam-se continuamente ameaçados de total ruina e medonho cataclismo.

O que hoje é especial quinhão da sciencia era então dominio de todos, porque todos se interessavam na conservação da humanidade. N'esses tempos acreditava-se firmemente que o equilibrio dos mundos era instavel, e bastava o derrubar do sobrecenho olympico de Jupiter, ou a vindicta, já de um Marte maligno e arrogante, já de uma Venus despeitada e amorosa, já de um Baccho pampinoso, para arrojar o universo no abysmo do nada.

E não pense v. exc. que esta theologia fatidica imperava sómente na Grecia. Nas eras remotas, em todas as civilisações, mesmo na Judéa, vemos a intervenção continua da divindade vingadora, cheia de ameaças e pavores para os pobres mortaes, que em vão se sacrificavam muitas vezes em cruentas aras para apaziguar os numes irritados. Ainda hoje, nos povos aonde a luz do evangelho não chegou, encontrâmos os mesmos terrores superstiçiosos. Pois se os mesmos christãos, quando rudes e broncos, sentem eguaes transes, que só a sciencia póde dissipar completamente!

Arago aponta na sua *Astronomie Populaire* muitos factos simillhantes aos que apresentei acima, e todos elles encontram explicação obvia e facil, se attentarmos nos principios estabelecidos. Assim é, que o incendio de que falla Plinio devia de ser a luz esparzida por algum bolide, e o sangue alguma poeira cosmica de côr vermelha, molhada pela chuva.

Em Verde, no Hanover, caíu grande cópia de materia anegrada com uns laivos purpurinos, acompanhada de um globo igneo e detonações mui frequentes que abalavam os ares. O fogo era tão intenso, que até arderam as arvores sobre as quaes caíam os corpusculos incendiados.

No dia 14 de março de 1813 caíram grandissimos acervos de neve e poeira vermelhas na Toscana, Calabria e Frioul, ao passo que se ouvia um estampido medonho para as bandas de Cutro, cujo solo ficou juncado de pedras celestes. Senreffini analysou-as, e

achou que tinham uma composição chimica similhante á dos aerolithos.

Em novembro de 1819, junto de Montreal, e na parte septentrional dos Estados Unidos, caiu chuva de côr muito negra e carregada. O ceo escureceu profundamente, o solo rangeu e fendeu-se como se houvera algum terremoto, e seguiram-se logo crebros estampidos e bastos raios, que illuminaram com immensos listões de fogo a atmosphera negra e plumbea.

Alguem houve que quiz attribuir este phenomeno verdadeiramente extraordinario á queima de alguma floresta virgem; as circumstancias, porém, que precederam e seguiram o phenomeno foram taes, que esta opinião é evidentemente falsa. O fragor, o rouquejar profundo, os estremecimentos, mostram que caíra, com effeito, um meteoro celeste.

Porque não ouso abusar da bondade de v. exc., terminarei contando-lhe uma curiosissima observação devida ao capitão americano Callam.

Achava-se o seu navio no oceano Indico, ao sul de Java, quando uma chuva de pequenas pedras muito finas caíu de repente no tombadilho, sem que qualquer outro phenomeno lhe permittisse explicar esta circumstancia singularissima. Colheu entanto alguns fragmentos, entregou-os ao capitão Maury, o qual os enviou a Eherenberg, que, por meio de poderoso microscopio, reconheceu que a materia d'estes fragmentos fôra primitivamente liquida, tendo-se solidificado durante a quéda. Apresentava inteira similhança com os resquicios da combustão de um fio de aço que se queima no oxygeneo, o que leva a considerar os fragmentos como gottasinhas provenientes da superficie incandescente de um aerolitho que passasse por sobre o navio a grande altura.

Do que levo dito póde v. exc. concluir que, da mesma sorte que o sol se enriquece constantemente com os aerolithos, conforme lhe disse em uma das minhas precedentes cartas, tambem a terra, como diz o sabio Reichenbach, está-se locupletando continuamente de um modo analogo, e assim como a terra todos os demais planetas. — De v. exc., etc.

A. Osorio de Vasconcellos.

A IMPRENSA NA CHINA

Os habitantes da China gozam de amplissima liberdade de imprensa, mas com um correctivo que não seria mui agradavel para os jornalistas europeus.

A auctoridade chin, que não póde supprimir nenhuma publicação, vinga-se repetidas vezes espancando os auctores dos libellos e das satyras que apparecem quotidianamente contra o governo.

Encontra-se em casa de grande numero de particulares prensas moveis, de que elles usam e abusam a belprazer. Parece que não ha imperio no mundo onde se veja maior cópia de annuncios e pasquins em todas as ruas do que na China.

Os chins empregam desde tempos immemoriaes a arte typographica; mas, como o alphabeto do celeste imperio contém mais de quarenta mil letras, não podem servir-se, como em todas as nações se usa, dos typos ou caracteres moveis. São por isso obrigados a gravar em chapas de madeira os caracteres de que necessitam, e imprimem folha por folha de um só lado. Os encadernadores reunem em seguida todas as folhas que comprehende a obra, collando-as umas ás outras. No prefacio costumam inscrever uma nota em que ordinariamente se indica o local em que se depositaram as chapas que serviram para a primeira edição.

Ha em Pekin muitas folhas diarias, e entre ellas a *Gazeta do Imperio*, orgão official, composta de doze paginas, com capa illustrada com o retrato do philosopho Meng-Tseu. Este periodico é similhante aos que se publicam na Europa, e até já os chins lhe introduziram uma secção de variedades ou de noticias diversas.

B. A.

MOSTEIRO DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

(Conclusão. Vid. pag. 379)

X

SANCTUARIO

A casa ou capella do sanctuario está logo no principio do grande corredor, que era outr'ora o dormitorio principal do mosteiro, em razão de terem n'elle as suas cellas os conegos de mais auctoridade pelos cargos na ordem, ou pelo seu saber. Fica, pois, n'este corredor o portal da entrada do sanctuario. É este uma vasta e rica sala, quasi uma pequena egreja, com uma capella no fundo magnificamente ornamentada.

Foi construida esta obra no meiado do seculo XVI; porém, no fim d'esse mesmo seculo, depois de terem sido depositadas no sanctuario muitas reliquias santas, que vieram de fóra do reino, foi ornada e enriquecida de modo que se tornou celebre em todo elle. Estas reliquias, com que se augmentou o thesouro já alli existente, e no qual se viam preciosos relicarios dados pelos dois primeiros reis de Portugal, pertenceram á imperatriz Maria de Borgonha, mulher de Maximiliano I, imperador de Allemanha, a qual era neta de Filippe o Bom, duque de Borgonha, e da duqueza D. Isabel, filha do nosso rei D. João I. Doára a imperatriz Maria de Borgonha aquellas reliquias a diversos conventos de Flandres, onde se conservaram até que rebentou n'esse paiz a guerra religiosa, accendida por Luthero e outros heresiarchas. Com o fim de salvarem as santas reliquias de algum desacato, foram reunidas e levadas para Roma no anno de 1594. Dois conegos de Santa Cruz, que alli se achavam n'essa occasião, tratando negocios da ordem, solicitaram e obtiveram para o seu mosteiro as ditas reliquias, que logo foram transportadas para Portugal, e chegaram a Coimbra nos principios do anno do 1595. Resolvêra, porém, a ordem celebrar com tão pomposas festividades a recepção e collocação das santas reliquias, que se gastou nos preparativos da funcção todo o tempo que decorreu desde janeiro até 29 de outubro do mesmo anno, em que foram levadas em procissão da sé para a egreja de Santa Cruz. A grandeza e luzimento do prestito religioso; as galas profanas de danças e visualidades que o precediam; a apparatosa perspectiva dos arcos triumphaes levantados para a passagem da procissão em diversos sitios da cidade; a representação de figuras allegoricas com que os conegos saíram da sua egreja de Santa Cruz a receber a dita procissão; a riqueza dos vasos sagrados, das armações e mais alfaias, e a profusão das luzes que ornavam e abrilhantavam o templo; em fim, o esplendor e magnificencia das festas com que os conegos regrantes e toda a cidade celebraram durante quinze dias a chegada das santas reliquias, compõem um longo capitulo da historia do mosteiro e um quadro curioso e muito interessante dos costumes populares no fim do seculo XVI.

Assim fez a ordem ostentação da sua immensa opulencia tanto n'esta faustosa solemnidade, como na ornamentação do sanctuario.

Era antigamente este sanctuario uma das coisas mais dignas de se ver que havia no reino, pois que além da devoção que inspirava, continha muita diversidade de objectos artisticos de muita valia e primor. Vamos dar conhecimento do seu estado actual, e das preciosidades artisticas e historicas de que o

despojaram depois da extincção das ordens religiosas, inserindo n'este logar uma descripção do sanctuario feita pelo sr. Augusto Mendes Simões de Castro, já conhecido dos nossos leitores:

«É o sanctuario de Santa Cruz uma das maravilhas d'este mosteiro mais dignas de veneração, e uma peça riquissima, já pelos seus valiosos adornos, já pelas muitas preciosidades que contém e o fazem celebre no nosso paiz. Esta sublime e grandiosa capella de fórma elliptica é toda guarnecida de obra de talha doirada, de tanta belleza e primor, que apresenta uma perspectiva encantadora e deslumbrante. Por toda a parte se vêem refulgir as doiraduras com a muita luz que a esta casa transmittem suas grandes janellas, enchendo-a de alegria e esplendor. De um grande e vistoso florão que no seu ponto central tem a graciosa abobada de estuque, se vê pendente um bello lustre de riqueza e gosto soprendentes. Offerece bello aspecto o pavimento forrado de lisonjas artificiosamente dispostas.

«São innumeraveis as reliquias que n'esta casa se veneram. Grande parte d'ellas acham-se distribuidas por doze elegantes pyramides, cada uma das quaes contém os restos preciosos de muitos santos de cada mez do anno. Outras estão bellamente encastoadas em ricas molduras, em lindissimas urnas, e, finalmente, em meios corpos. Alguns d'estes de prata, que estavam aqui n'outro tempo, acham-se em outra casa de maior segurança. A caveira de S. Theotonio guarda-se n'um d'estes, mandado fazer em 1620 pelo prior geral, D. Miguel de Santo Agostinho Pessanha, e que importou em 141$100 réis [1]. Tambem no sanctuario se veneram as reliquias dos cinco santos martyres, Otho, Berardo, Pedro, Acurcio e Adjucto, frades toscanos da ordem dos menores, os quaes, tendo ido a Marrocos prégar por mandado do seu patriarcha S. Francisco, padeceram n'aquella cidade cruel martyrio a 16 de janeiro de 1220. Estando por este tempo em Marrocos o infante D. Pedro, filho de D. Sancho I, mandou reunir os restos dos santos martyres e trouxe-os para Astorga, onde ficou, e d'ahi os enviou a Portugal por Affonso Pires, de Arganil, que chegou com elles a Coimbra a 10 de dezembro do mesmo anno. Foi grande o jubilo que houve em Coimbra por occasião de se receberem estes preciosos restos. O cabido, o clero e o povo os foram esperar fóra da cidade, acolhendo-os com grande alvoroço e devoção [2]. Ainda hoje se vê no sanctuario um bello cofre em que se guardam muitos ossos d'estes santos; e tambem em dois meios corpos de prata, que se guardam em casa mais segura, e que foram mandados fazer no anno de 1510 pelo prior-mór D. Pedro, bispo da Guarda, se conserva, n'um a cabeça de um dos santos, e no outro alguns ossos e alguns vidrinhos cheios de sangue d'estes martyres [3].

«Tanto o cofre como os meios corpos expõem-se na egreja por occasião da festa d'estes santos, que com grande solemnidade se celebra todos os annos a 16 de janeiro. É costume haver procissão, a que antigamente concorriam muitos homens nus da cintura para cima, a qual tira origem de um voto que por occasião da peste, em 1423, fez Vicente Martins, do logar de Falla, de vir assim com seus filhos visitar todos os annos as santas reliquias, se não fossem atacados pela peste. Chegou a ser extraordinario o numero dos nus que concorriam á procissão, dando logar a muitas chufas. Parecendo isto mal ao bispo conde D. Francisco de Lemos, prohibiu esta costumeira, e só permittiu os penitentes menores.

[1] *Memorias de Santa Cruz.* (Obra manuscripta)

[2] De um facto miraculoso succedido por esta occasião com a rainha D. Urraca trazem noticias algumas chronicas; e uma lenda intitulada *D. Urraca e os cinco martyres de Marrocos* se póde ver nas *Memorias das Rainhas de Portugal*, por F. F. Figanière.

[3] *Memorias de Santa Cruz.* *S. de Castro.*

«Tambem entre as reliquias veneraveis que se guardam no sanctuario se contam com distincção as de Santa Comba, que padeceu martyrio junto de Coimbra, e a caveira de Santo Antonio, martyr.

«Em pinturas de valor e em objectos e alfaias memoraveis era mui rico o sanctuario; hoje, porém, acha-se despojado de grande parte d'estas preciosidades. «Uma collecção curiosissima de pinturas, entre as quaes figuravam dois preciosos quadros, um de Rubens, outro de Raphael, ornava o interior da capella. A serie dos retratos dos monarchas portuguezes, e de outros muitos varões celebres dos nossos fastos, tanto profanos como sagrados, formava uma galeria antes da entrada do sanctuario. Os objectos que mais avultavam entre os muitos preciosos guardados n'este recinto, eram: um relicario com um espinho da coroa do Salvador, fabricado de oiro das cinco coroas que D. Affonso Henriques ganhára aos moiros no campo de Ourique; a espada d'este preclarissimo rei; a escrevaninha de tartaruga, marchetada de oiro, e a penna de prata com que se assignaram os decretos do Concilio de Trento, donativo do veneravel arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres; uma biblia de pergaminho de primorosas letras com illuminuras, assombro de paciencia de quem as traçára; a cruz milagrosa que, coroando o estandarte dos Affonsos e dos Sanchos, conduzia os portuguezes ao campo das victorias; o castão de bronze que ao santo prior D. Theotonio mandou o santo do Claraval. E onde param agora os quadros de Raphael, e de Rubens, e os retratos de nossos monarchas, e de outros varões celebres? Os primeiros estarão porventura ornando o gabinete de algum lord lá na ambiciosa Albion; os ultimos, muitos foram rotos pelo terçado dos soldados. A espada do fundador da monarchia e a escrevaninha, roubadas aos conimbricences, levaram-n'as para o museu do Porto. O oiro e prata não ha que procural-os; fundiram-se e evaporaram-se nas mãos dos collectores das preciosidades: deixaram-se dispersas pelo chão as reliquias sem engastes; arrancou-se o esmalte dos quadros; finalmente, a templos de christãos não trataram os moiros com mais sacrilego desprezo.

«Louvores sejam dados aos honrados conimbricences, que se negaram a apear o riquissimo lustre da capella; louvores e agradecimentos votâmos tambem ao piedoso sacerdote, que, reunindo os dispersos fragmentos do que desprezára a já saciada cubiça dos delapidadores, os collocou decentemente, mandando a expensas suas inscrever nos vazios que deixaram os quadros roubados, bem escolhidos textos da Escriptura Santa, mandando tambem apagar com o pincel as arranhaduras feitas ao arrancar as preciosidades. O céo queira premiar tão boas obras [1].»

«Uma *Transfiguração* de Raphael, e a *Adoração dos reis* de Rubens, estão no atheneu do Porto. Entre as pinturas que ainda se conservam no sanctuario, são muito gabadas algumas, e de duas d'ellas disse o conde de Raczynski: «As pinturas mais dignas de attenção do sanctuario da egreja de Santa Cruz, e talvez de todas as egrejas que tenho visitado n'este paiz, são quatro cabeças encerradas em dois medalhões; n'um as de S. Pedro e S. Paulo, no outro as de Christo e S. João; são pouco menores que de tamanho natural; conservam-n'as sob vidro. Não pude chegar a descobrir de que auctor eram, mas ellas me recordaram o retrato de *Holzchur*, por Alberto Durer, e eu não teria difficuldade em acreditar que vieram de Allemanha, e que remontam á epocha d'este pintor. O que é certo é que são admiraveis em quanto a desenho e colorido [2].» Talvez por esquecimento, ou por não existirem no sanctuario quando o visitou, deixou o conde de Raczynski de mencionar mais duas pinturas simi-

[1] *Revista Litteraria.*

[2] *Les Arts en Portugal.*

lhantes, constando cada uma tambem de duas cabeças, que julgâmos serem obra do mesmo auctor.

«A espada de D. Affonso Henriques, que se diz ser a que se guarda no Porto junta á do immortal D. Pedro IV, é uma memoria valiosissima e de grande veneração, por nos recordar que foi com ella em punho que aquelle grande monarcha ganhou victorias celebres e fundou o reino de Portugal. Foi tambem com esta espada que D. Affonso IV ficou victorioso na batalha do Salado. Ao passo, porém, que esta arma respeitavel nos traz á mente tantos factos de heroicidade e de gloria, tambem nos desperta recordações pungentes da terrivel catastrophe de Alcacer Quibir.—Visitando D. Sebastião em 1570 o mosteiro de Santa Cruz, o prior geral lhe mostrou a espada de D. Affonso Henriques, e tomando-a el-rei na mão, «a beijou com muita reverencia, dizendo para os senhores e fidalgos que o acompanhavam: *Bom tempo em que se pelejava com espadas tão curtas! Esta é a espada que libertou todo Portugal do cruel jugo dos moiros, sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração;* e dando-a outra vez ao prior geral, lhe disse: *Guardae, padre, esta espada, porque ainda me hei de valer d'ella contra os moiros de Africa* [1].» Effectivamente, quando o infeliz monarcha, d'ahi a oito annos, tratava de fazer a desgraçada expedição de Africa, mandou por uma carta [2] pedir a espada ao prior de Santa Cruz; mas refere a chronica que, esquecendo na armada, não se serviu d'ella D. Sebastião, e que póde assim voltar para o mosteiro [3].

«Tambem julgâmos que se guardava em Santa Cruz o escudo de D. Affonso Henriques, que D. Nicolau de Santa Maria diz [4] ser de pau de figueira forrado de coiro de boi cru oleado e pintado, e ter de comprimento cinco palmos e meio, e de largura, no mais largo, tres palmos.

«Brandão diz [5] que este escudo era branco, assentando n'elle uma cruz azul d'aquelle feitio a que chamam potentea, por ter a haste mais comprida que os braços.

«Nas cortes geraes de 1821, na sessão de 21 de agosto, o sr. Trigoso propoz que as côres do laço nacional fossem branca e azul, empregadas no escudo de D. Affonso. Esta proposta foi competentemente discutida e approvada [6].»

XI

REFEITORIO, LIVRARIA, DORMITORIOS, ETC.

A *casa do refeitorio* corre junto ao lanço do norte do *claustro do Silencio*. Tem o tecto de abobada de laçaria, ou artezoada. Pertence ao systema de obras emprehendidas no primeiro quartel do seculo XVI.

A *casa da livraria* tambem é da mesma epocha, e deita sobre a varanda do dito claustro, do lado de oéste. Mede 43^m^,60 de comprimento, e de largura 15^m^,55. Não tem particularidade que faça notavel a sua construcção. Outr'ora encerrava uma copiosa bibliotheca, rica, principalmente, em manuscriptos. Pela extincção das ordens religiosas foram transportados todos os seus livros impressos para o edificio da bibliotheca publica da cidade do Porto. Ficou, porém, no mosteiro o seu importante archivo, que contém muitos e valiosos documentos historicos de differentes epochas, mas sobre tudo do seculo XIII. Entre estes manuscriptos figura o *Foral de Coimbra*. O sr. Simões de Castro, no seu livro já por nós citado n'outro logar, fallando d'este foral, diz «que tem no meio das capas da encadernação o escudo do reino, e nos cantos as espheras, tudo de cobre doirado. É manuscripto em pergaminho, e torna-se notavel não só pelo esmero da encadernação e nitidez dos caracteres, mas principalmente pelo seu elegante frontispicio primorosamente colorido, onde entre as armas de Portugal, a empreza real e o brazão da cidade, tarjados de flores, se acha o nome do monarcha D. Manuel, em letras doiradas sobre fundo azul. A propria assignatura delrei D. Manuel se vê n'este foral, e tambem a de Fernão de Pina.»

Do archivo do mosteiro está de posse a camara municipal de Coimbra.

Quanto a dormitorios, hospedarias, enfermaria e mais officinas, entendemos não dever fatigar com a sua descripção os nossos leitores, porque não contém coisa alguma digna de menção especial. Não ostentam riqueza de architectura, mas correspondem em vastidão á opulencia da ordem a que pertenceram, e á nomeada do mosteiro.

Para se poder ajuizar da grandeza do edificio, bastará referir os estabelecimentos e repartições publicas que se accommodaram n'elle depois da extincção das ordens religiosas; e são os seguintes: *asylo ou roda de expostos; camara municipal; correio; repartição das obras publicas do districto; a dos pesos e medidas; junta administrativa dos campos do Mondego; administração do concelho; cadeia districtal*, etc. E todavia, apesar das muitas casas occupadas por tantas repartições e estabelecimentos, alguns dos quaes demandam edificios de grande capacidade, todos estão accommodados com largueza, e ainda sobra espaço.

Tinha o mosteiro uma bonita horta, espaçosa e ajardinada, para onde deitavam dois compridos lanços do edificio. Um d'estes era denominado *hospedarias*, e n'elle se agasalharam muitos viajantes illustres, e tambem muita pobreza; servindo agora de abrigo aos infelizes expostos.

A horta desappareceu com os seus antigos possuidores. Foi pouco a pouco devastada, até que perdeu os ultimos vestigios da sua existencia. Já que não quizeram aproveital-a para um passeio publico, vão agora utilisar aquelle terreiro, segundo dizem, estabelecendo ahi um mercado.

Da bella cêrca do mosteiro já tratámos em artigo especial [1].

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] *Chronica dos Con. Regr.* p. II, liv. X, cap. XX.

[2] O fac-simile d'esta carta póde ver-se no *Antiquario Conimbricense*, interessante publicação de que só sairam 9 numeros em 1842.

[3] Acerca d'este facto fazem-se no n. 6 do *Antiquario Conimbricense* algumas bem fundadas considerações, pelas quaes se duvida de que a espada que D. Sebastião levou para Africa d'ahi voltasse, e que aquella que hoje se guarda no Porto na verdade seja a de D. Affonso. Mas seja ou não, aquella espada não deve por mais tempo permanecer n'aquella cidade; é aos conimbricenses que ella de direito pertence. O que dizemos da espada tambem o dizemos com referencia aos preciosos quadros, e á memoravel escrevaninha e penna com que no celebre Concilio de Trento se condemnaram e proscreveram os erros de Zwinglio, Luthero e Calvino. Apesar de todos esses objectos terem boa collocação, é para lamentar, todavia, que d'elles fosse espoliado o monumento de Santa Cruz. É um verdadeiro roubo privar os conimbricenses d'esses objectos gloriosos que possuiam e tanto veneravam. Aspera censura ás pessoas que consentiram em taes delapidações. Seria muito digna de louvores a municipalidade de Coimbra se instasse para que revertessem ao seu proprio logar todas essas preciosidades.

[4] *Chronica dos Con. Regr.*, p. II, liv. XI cap. XXXII.

[5] *Monarch. Lus.*, p. III. liv. X, cap. VII.

[6] Artigo do sr. R. de Gusmão, no *Instituto*. *S. de Castro.*

[1] Vid. pag. 252 do vol. VII.

PREMIO Á INDUSTRIA

Fundou el-rei de França, Luiz XVI, em 3 de outubro de 1777, um premio para ser concedido aos individuos que introduzissem inventos ou aperfeiçoamentos uteis na industria franceza. Os irmãos Johannots, a quem se deve a invenção do papel velino, então empregado nas edições de luxo, foram dos primeiros a alcançar este premio, pelos melhoramentos realisados na fabricação do papel. Emigrados de França por causa do edito de Nantes, os antepassados de Johannot tinham fundado na Allemanha uma fabrica de papel, e transmittido aos seus descendentes os processos que depois notavelmente melhoraram.